CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: 50 ANOS DE FORUM BERLINALE
1 de setembro de 2020

W.R., MYSTERIJE ORGANIZMA / 1971

(Os Mistérios do Organismo)

um filme de Dusan Makavejev

Realização e Argumento: Dusan Makavejev / **Fotografia**: Pega Popovic (Jugoslávia), Aleksander Ptkovic (EUA) / **Montagem**: Ivanka Vukasovic / **Direcção Artística**: Dragoljub Ivkov / **Música**: Bojana Makavejev / **Intérpretes**: Milena Dravic (Milena), Jagoda Kaloper (Jagoda), Zoran Radmilovic (Radmilovic), Ivica Vidovic (Vladimir Ilyich), Miodrag Andric (soldado), Tuli Kupferberg (soldado americano), Jackie Curtis, Betty Dodson, Jim Buckley, Nancy Godfrey (os próprios).

Produção: Neoplanta Film (Novi Sad) Telepool (Munique) / **Cópia**: da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, em 35mm, colorida, versão original legendada em português, 82 minutos / Ant**e-Estreia em Portugal**: Império (Festival da Casa de Imprensa), em 3 de Julho de 1976; Estreado no Quarteto em 1976.

É, no mínimo, estranho ver hoje este filme que provocou bastante celeuma no seu tempo, que seria proibido entre nós por razões óbvias (se um distribuidor pensasse trazê-lo em 1972 ou 73) e que foi estreado no Quarteto no primeiro ano da sua existência, em 1976 quando os fantasmas da censura tinha já sido sacudidos pelo 25 de Abril. Aliás é de "fantasmas" que **W.R., Mysterije Organizma** trata, ou talvez de estranhos alienígenas pois o filme de Dusan Makavejev parece, hoje, vir de um distante planeta, ou de um continente perdido de que fosse um vestígio arqueológico revelando os estranhos costumes dos seus habitantes. Pois não vem ele, também, de um país que já não existe, a Jugoslávia, vítima de um colapso tal como o mundo comunista seu vizinho? Deste ponto de vista o filme terá, para além desse interesse "arqueológico", outro, social, pois documenta (na sua segunda parte) as contradições e as divisões ideológicas que de outro modo se agudizarão muito mais tarde. O clima de mal-estar parece anunciar uma tragédia embora não seja aquela que já conhecemos, mas antes, como o acto final representa, o triunfo do recalcamento sobre a pulsão libertadora: o patinador russo cortando a cabeça à jovem jugoslava, como pouco antes a URSS "cortara o pescoço" à Primavera de Praga na Checoslováquia.

É de pulsões de vida e de morte que trata o filme de Makavejev e da libertação pela "revolução sexual". Daí a popularidade do filme numa geração ainda sob os efeitos de Maio de 68, das grandes manifestações pacifistas contra a guerra do Vietname ("Make love, not war"), da marijuana, do LSD, das flores e comunas hippies. Tanto mais que o filme vai buscar um dos seus patronos que 68 recuperou, o psicanalista Wilhelm Reich. Um dos textos de Reich tornar-se-ia mesmo uma pequena "bíblia" dessa geração, que entre nós teve mais de uma dúzia de edições na D. Quixote: "Escuta Zé Ninguém". Por

outro lado, Makavejev utiliza no seu filme o estilo e linguagem das vanguardas então dominantes nas artes plásticas, no teatro, no cinema (a sombra de Andy Warhol, de que alguns participantes eram colaboradores), explorando o espontaneísmo dos "happenings" e a provocação ao espectador com a encenação do teatro de rua, misturando, na linguagem cinematográfica, com as técnicas de distanciação brechtiana. Mas, no fim de contas, as celebradas "provocação" e "novidade" do filme resultam numa espécie de balão vazio. Distanciando-se do coro geral de entusiasmo, Pascal Bonitzer e Jean Narboni diziam nos "Cahiers du Cinema" (do período "maoísta", daí que a crítica se inscreva no combate ideológico de então, entre "comunismo" e "revisionismo") que a obra de Makavejev era "essencialmente um filme anti-comunista, anti-marxista e também... anti-freudiano", e acrescentavam: "C' est un outre un filme incroyablement con, et il est incroyable (mais en realité politiquement logique) de voir l'enthousiasme délirant que ce sous-produit de consommation à l' usage de la bourgoisie "éclairée" a suscité dans la presse unanime".

Atentando-se na técnica verifica-se que nada de novo oferece, nem no uso dos 16mm nas sequências nos EUA (reduzidas à mera ilustração documental e, mesmo neste ponto ficando-se por uma série de generalidades que não favorecem o objecto do filme e, muito menos, a imagem de Reich) nem na alternância da ficção com o documentário, fazendo da primeira a demonstração do segundo. Este é a exposição e uma apologia dos trabalhos de Reich relacionando a política com a sexualidade e fazendo da primeira a expressão do recalcamento da segunda. A ideia tornou-se mesmo uma arma de combate desse tempo, retomando a expressão de que o fascismo seria a manifestação quer de impotência quer de patologia sexual. Daí que Makavejev partindo de uma posição "revisionista" carregue no personagem do patinador, sublinhando o seu papel de representante da ortodoxia soviética (e a discussão na sala com a rapariga, retoma outra ideia do tempo, a do traço de igualdade entre Hitler e Estaline) e fazendo dele um impotente e assassino.

Se na exposição das ideias através referidas, e como documento do seu tempo, **W.R., Mysterije Organizma** pode ter ainda um certo interesse, de um ponto de vista artístico e cinematográfico, está já irremediavelmente ultrapassado.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico